

# Maria João Pires terminou carreira de pianista

written by 0 Cidadão | 2 de Novembro, 2025



A pianista Maria João Pires disse que terminou a carreira como intérprete, depois de em junho ter sofrido um problema de saúde que a afastou dos palcos, e está agora num **“processo de mudança radical”**.

No discurso de agradecimento pelo prémio Helena Vaz da Silva, entregue este sábado numa cerimónia na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, a artista de 81 anos afirmou que adoeceu porque tentou **“ultrapassar-se e ir até limites proibidos”**.

**“Agora encontro-me num processo de mudança radical, numa procura de verdade, verdades, num caminho de aceitação, talvez de compreensão daquilo que nunca aceitei antes. É bom pensar que o futuro é incerto, desconhecido, talvez surpreendente.**

*Essa incerteza coloca-nos a todos num estado de insegurança, só que muitas vezes criativa. A segurança afinal não abre assim tantas portas, talvez até nos feche uma maior compreensão do universo e do infinito”, afirmou a mais conhecida das pianistas portuguesas.*

No discurso, expressou gratidão – sentimento que considera inato e que deve ser **“guardado e respeitado ao longo de toda a vida”** – não só a quem a apoiou e acompanhou ao longo da vida e carreira, mas mais além: **“Gratidão por tudo o que nos é dado, por tudo o que ouvimos e vemos, por tudo o que nos encanta, por tudo o que gera felicidade em nós, nos permite sonhar, mover ou cantar ou sorrir”**.

Ao lembrar que começou a tocar piano com 3 anos, idade com a qual se apaixonou pela música, Maria João Pires também declarou nunca se ter sentido **“verdadeiramente adaptada nem incluída apesar de todos os grandes esforços para [se] sentir aceite, para [se] aceitar, para [se] reconhecer como parte de uma sociedade, de um grupo de amigos e colegas”**.

**“Fiz a aprendizagem da vida prática, do trabalho, do quotidiano, da casa, dos filhos, das alegrias, dos desgostos, dos sofrimentos e muito particularmente das deceções. Fiquei entre dois mundos, o mundo sonoro, sempre muito rico em flexibilidade, em movimento, em conexão com todos os fenómenos da arte e da imaginação. E o outro, aquele a que chamamos mundo real, embora ambos me pareçam na verdade muito reais”,** afirmou a artista.

Maria João Pires realçou ter-se **“assumido”** como **“pianista durante muitos anos”**, uma escolha que fez parte da sua vontade de **“inclusão, do desejo profundo de não ser rejeitada e, ao mesmo tempo, de nunca rejeitar os outros”**.

**“Trabalhei muito, planeei muito pouco, interessei-me profundamente por ciência, por literatura, por filosofia, também como meio de compreender e pertencer”**, disse a

pianista, para quem a **“verdadeira arte é a atividade de não-agressão”**.

Direitos humanos são para todos e isso não devia ser motivo de dúvida, sublinha Maria João Pires

No seu discurso a pianista Maria João Pires sublinhou que os direitos humanos são para todos, algo que nunca deveria ser posto em causa, numa altura em que se questiona se o ser humano é capaz de evoluir, face às tragédias do mundo.

**“A competição leva-nos muitas vezes a esquecer o essencial, a comunidade, o grupo e a nossa profunda natureza. Faz-nos esquecer que os direitos humanos são para todos e que isso não deveria nunca ser motivo de dúvida ou hesitação. Ganhar, no sentido em que normalmente o entendemos, não é uma solução para a arte de viver. Ganhar significa querer possuir, desejar que alguém perca a nosso favor”**, declarou.

A pianista acrescentou que **“a capacidade ilimitada que o ser humano desenvolveu ao longo da história para matar, destruir, aniquilar, é realmente assustadora e inexplicável”**, e num século tido como o da **“esperança da paz, o século da ciência, do avanço extraordinário da tecnologia, da medicina e do aparecimento da Inteligência Artificial”**, o **“impensável está a acontecer”**.

**“Assistimos ao mesmo tempo a massacres hediondos, à destruição de povos, de culturas, e, sem piedade, ao massacre do planeta. Parece que de repente temos de nos interrogar, afinal o ser humano será não inteligente ou simplesmente incapaz de evoluir com a experiência adquirida? É de certo modo explorar, tirar, não se importar, ficar indiferente ao Outro, recusar a realidade do grupo e a pertença comum. E perder é ficar de fora”**, afirmou, perante uma audiência que incluía o antigo ministro e administrador executivo da Gulbenkian Guilherme d’Oliveira Martins e a ministra da Cultura, Juventude e Desporto, Margarida Balseiro Lopes.

Maria João Pires realçou que **“a ação artística e criativa pressupõe e implica a ausência de sentimentos de conquista, de posse e de sedução”**, sendo **“a verdadeira arte a atividade de não-agressão”**.

Em junho, a pianista anunciou um afastamento dos palcos **“por algum tempo”** devido a um **“problema de saúde cerebrovascular”**. **“Estimados amigos, lamento informar-vos que terei de me afastar dos palcos por algum tempo. Surgiu-me um problema de saúde cerebrovascular, que encaro como um sinal, talvez um aviso”**, escreveu Maria João Pires, nas redes sociais.

**“Vou dedicar este período a reencontrar o equilíbrio entre o corpo e o espírito, e a encontrar alegria em me retirar, ler, meditar e aprender com as lições que a vida me quer ensinar”**, prosseguiu a pianista, agradecendo a todos **“a paciência, o apoio e as palavras de conforto”**.

A pianista Maria João Pires recebeu hoje, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural. **“Este reconhecimento europeu presta homenagem à excepcional contribuição de uma das maiores pianistas do nosso tempo para a promoção do património cultural e dos valores europeus”**, justificou o Centro Nacional de Cultura (CNC), em setembro, aquando do anúncio.

O Prémio Europeu Helena Vaz da Silva foi instituído em 2013 pelo CNC, com a organização Europa Nostra e o Clube Português de Imprensa, com apoio dos ministérios da Cultura, Juventude e Desporto, e dos Negócios Estrangeiros, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Turismo de Portugal.

Além de Maria Calado, o júri foi composto por Francisco Pinto Balsemão, fundador do grupo Impresa, Piet Jaspaert, vice-presidente da Europa Nostra, João David Nunes, pelo Clube Português de Imprensa, Guilherme d'Oliveira Martins, administrador da Fundação Gulbenkian, Irina Subotic, presidente da Europa Nostra Sérvia, e Marianne Ytterdal, do

Conselho da Europa Nostra.

OC/MP